A TARDE

Há tardes que não obedecem ao relógio. Estendem-se, cansadas, sobre o tempo, como bichos que já não sabem levantar-se. Respiram devagar e ocupam tudo, como se quisessem ficar para sempre. Esquecem-se da noite e nós ficamos esquecidos dentro delas, a olhar o vazio à espera de um sinal, qualquer coisa que desate o mundo. Aquela tarde era assim: espessa e imóvel. Eu tinha catorze anos e acreditava, com a facilidade cruel da juventude, que o meu pai era feito de uma matéria inteira, uma coisa sem fendas, impossível de quebrar.

Acreditava porque nunca o tinha visto falhar. O meu pai falava pouco, movia-se pela casa com a exatidão de quem já explicou às paredes onde deviam estar. Parecia carregar uma firmeza do berço, vinda de antes das palavras, uma espécie de osso primordial. Eu pensava que ele tinha uma pele que não sabia chorar, uma resistência que o protegia até de si mesmo. O mundo podia cair e ele ficaria de pé. Era isso que eu julgava.

Mas nessa tarde a casa tinha aprendido outro silêncio. Não o silêncio manso das horas demoradas, mas um silêncio desalinhado, como se alguém tivesse deslocado o ar do seu lugar. Tudo permanecia arrumado e ainda assim as coisas pareciam cansadas, envelhecidas de repente. Senti isso antes de saber nomeá-lo, como se o corpo soubesse primeiro. Ouvi a água a correr na casa de banho, um som habitual, quase tranquilizador. Depois veio o outro som, aquele que não devia estar ali: a lâmina a insistir numa pele já limpa desde a manhã. Um ruído breve, repetido, fora do seu tempo, uma memória a sangrar fora do sítio.

Levantei-me com cuidado, como se o chão pudesse partir-se sob o meu peso. O corredor estava quase às cegas e da casa de banho saía apenas uma linha de luz, fina e dura, a dividir o chão como um corte aberto. Avancei sem decidir, porque há momentos em que o corpo anda sozinho para o que vai doer, atraído por uma força sem nome. Pela fresta vi-o. O meu pai estava diante do espelho. O rosto coberto de espuma, branca

demais, e a mão suspensa no ar, segurando a lâmina como quem esqueceu o fim do gesto. Parecia alguém interrompido por dentro, alguém que começara a ser e, a meio, descobrira que já não chegava. O tempo tinha-lhe pedido que parasse e ele obedecia, frágil pela primeira vez. Ali, naquele recorte de luz, percebi que até as matérias mais duras aprendem a ceder e que o mundo, às vezes, nos ensina isso tarde demais.

Foi então que vi o que não cabia em nenhuma ordem do mundo: as lágrimas. Quase nada, quase invisíveis, mas reais. Nasciam-lhe dos olhos com uma lentidão cuidadosa, uma água tímida a abrir sulcos na espuma, a desenhar percursos frágeis antes de se perder na corrente, como se nunca lhe tivessem pertencido. A água levava-as depressa, cúmplice, e a casa parecia concordar, tentando apagar aquilo que eu já não podia desaprender.

Fiquei imóvel. Tão imóvel que o corpo soube, antes do pensamento, que qualquer gesto podia quebrar aquele instante raro e doloroso. O ar estava limpo demais, com uma frieza de coisa recém-lavada, e a luz parecia excessiva, quase cruel. Tive a sensação de estar a invadir um segredo, desses que não pedem testemunhas. Era como tocar num livro velho e sentir as páginas a desfazerem-se entre os dedos, deixando pó de memória nas mãos. Havia silêncio em tudo: nele, na casa, dentro de mim. Um silêncio espesso, cheio de coisas que nunca seriam ditas. Ainda assim, não consegui sair. Há momentos que nos seguram pela alma, mesmo quando o medo nos pede para fugir.

Vi-o pousar a lâmina com um cuidado que nunca lhe conhecera, um gesto lento, respeitoso, como se estivesse a deitar alguém a dormir. As mãos ficaram agarradas ao lavatório, procurando na cerâmica uma força emprestada, qualquer coisa que o mantivesse inteiro. Quando fechou a torneira, o som cessou e o silêncio que ficou já não era doméstico. Era um silêncio vasto, sem medida, grande demais para caber em paredes ou nomes. Afastei-me, enfim, e voltei para o meu quarto, tentando regressar a mim mesma. Sentei-me na cama e o coração batia tão forte que parecia querer ocupar todo o espaço deixado pelo que eu ainda não sabia compreender.

Ouvi os passos dele no corredor. Não eram passos cansados nem seguros. Eram passos desencontrados, andando sem destino, como se procurassem um lugar que já não existia. Reconheci o som do armário da entrada a abrir-se, o casaco a ser retirado, as chaves a mudarem de mão. Gestos antigos, repetidos tantas vezes que pareciam indestrutíveis. Ainda assim, nada ali permanecia inteiro. A porta abriu-se. Houve um intervalo antes de ele sair, um intervalo comprido demais, suspenso, à espera de uma palavra impossível. Depois a porta fechou-se. Um ruído breve, comum, que ficou em mim com o peso das coisas que não sabemos nomear e, por isso, nunca largamos.

Ninguém me falou nesse dia. A tarde insistiu em continuar, teimosa, fingindo normalidade. Mas o tempo tinha-se rasgado por dentro. Havia uma fenda invisível a atravessar o ar, separando o que tinha sido do que nunca mais seria. Hoje compreendo melhor: aquilo que lembramos não coincide sempre com o que vimos. A memória é uma água inquieta, que toca e transforma, que leva consigo partes do mundo. No entanto, preserva a ferida intacta, como se fosse a única certeza que não admite esquecimento. O que permaneceu em mim foi o gesto suspenso, a lâmina parada no ar, a espuma a desfazer-se no rosto do meu pai. Aquela fragilidade escondida num ato mínimo. O quotidiano a falhar diante dos meus olhos, ensinando-me que o mundo pode abrir-se assim, sem aviso, num breve desajuste do coração.

Talvez tenha sido ali que o meu pai nasceu outra vez, porque chorar é uma forma secreta de nascer. Talvez esse seja o único milagre que nos é permitido: recomeçar sempre que a dor transborda. Hoje penso que crescer é isto. Ver o que devia ter permanecido oculto. Aceitar que a dor escolhe, quase sempre, os lugares onde vivia a rotina. Aprender que há instantes que ficam e memórias que continuam a respirar dentro do tempo. E o tempo, tal como nós, depois disso, nunca mais aprende a ser o mesmo.